

O ENSINO DE MÚSICA NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA: CONDIÇÕES E EXPECTATIVAS DE DOCENTES NOS PRIMEIROS MESES DE PANDEMIA

*MUSIC TEACHING AT A PUBLIC UNIVERSITY:
CONDITIONS AND EXPECTATIONS OF TEACHERS
IN THE FIRST MONTHS OF THE PANDEMIC*

**Clayton Vetromilla
Felipe Ribeiro
Marina Spoladore
UNIRIO-RJ**

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise dos dados obtidos por meio de pesquisa realizada entre docentes dos cursos de música da UNIRIO, com relação aos impactos causados pelas medidas de isolamento físico impostas à população, em decorrência da pandemia do novo coronavírus. O artigo vincula-se à pesquisa “O impacto da quarentena na qualidade de vida: diagnóstico e perspectivas para o cotidiano dos professores e estudantes de música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro”, que teve como objetivo geral mapear, por meio de levantamento de informações laborais, socioeconômicas e culturais, junto a estudantes e professores do campo da música, na Universidade onde a pesquisa ocorreu, suas condições de trabalho e seu desenvolvimento profissional durante e após o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. A partir desses dados, são apresentadas reflexões acerca das condições estruturais e emocionais dos professores de música frente ao Ensino Remoto Emergencial.

Abstract

This article presents an analysis of the data obtained through research carried out among professors of music courses at the UNIRIO, in relation to the impacts caused by the physical isolation measures imposed on the population, due to the pandemic of the new coronavirus. The article is linked to the research “The impact of quarantine on quality of life: diagnosis and perspectives for the daily lives of music teachers and students at the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro”, which had the general objective of mapping, through information gathering labor, socioeconomic and cultural, with students and teachers in the music field, at the University where the research took place, their working conditions and their professional development during and after the period of social isolation caused by the Covid-19 pandemic. From these data, reflections are presented about the structural and emotional conditions of music teachers in the face of Emergency Remote Teaching.

Palavras-chave:

Ensino remoto emergencial de música; Universidade pública; Pandemia Covid-19; Professores de música.

Keywords:

Emergency remote music teaching; public university; Covid-19 Pandemic; Music teachers.

INTRODUÇÃO

O presente artigo contém os resultados parciais da pesquisa “O impacto da quarentena na qualidade de vida: diagnóstico e perspectivas para o cotidiano dos professores e estudantes de música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro”, cujo objetivo é discutir as condições para a continuidade do ensino e da pesquisa em música, conforme a visão da comunidade acadêmica pertencente ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da referida instituição. Para tal, foi elaborado um questionário conforme pelo menos dois interesses que se cruzam: de um lado, o interesse institucional e organizacional, centrado em observar o tipo de tarefas realizadas por docentes e discentes durante a pandemia bem como as mudanças por ela causadas; de outro lado, o levantamento de aspectos relacionados ao bem-estar físico e mental dos participantes. Quanto ao último aspecto (qualidade de vida), recorre-se a informações quanto a atividades, efeitos e implicações da pandemia na vida laboral e cotidiana dos respondentes.

O caminho percorrido pelo estudo para a abordar tal “realidade” foi trilhado à luz de dados históricos envolvidos no contexto, tais como a emergência sanitária da pandemia e a análise de documentos que visavam interferir na configuração de tal realidade. Paralelamente, buscou-se valorizar o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2002, p.21-22) formalizadas no discurso e nos saberes partilhados pelos respondentes. De uma perspectiva qualitativa descritiva, a pesquisa foi realizada em três fases: fase exploratória; trabalho de campo; e tratamento do material empírico e documental (MINAYO, 2002, p.26).

A fase exploratória foi concluída em 1º de julho de 2020, com o Parecer Consubstanciado de Aprovação emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIRIO.¹ O questionário foi aplicado entre os dias 1º e 31 de julho de 2020, contemplando o período inicial de quatro meses e meio de isolamento social, a contar em 16 de março, quando foi decretado estado de emergência na cidade do Rio de Janeiro. Para garantir a compatibilidade dos dados, as mesmas questões foram aplicadas tanto para docentes como para discentes, salvo algumas poucas

adaptações, relativas às especificidades de cada esfera. Aqui, apresenta-se a análise dos dados coletados apenas entre os docentes.

Após o término da fase de coleta de dados, esta pesquisa alcançou 55 dos 69 professores que compõem o público-alvo investigado dessa categoria, ou seja, 79,7% do total de docentes vinculados aos cursos de música. A fim de evitar o superdimensionamento dos quantitativos estatísticos, referimo-nos por vezes ao total absoluto de docentes dos cursos de música (69 professores) e não somente àqueles que responderam ao questionário (55 professores). Evidentemente, a parcela de docentes que não respondeu a pesquisa pode apresentar um perfil diferente dos professores participantes, visto que a familiaridade com as ferramentas virtuais ou a predisposição em responder ao questionário os diferencia, por outro lado, embora a amostra seja homogênea e reduzida (56 entrevistados) bem como que todos os respondentes pertençam a um mesmo grupo, o questionário permite esboçarmos uma visão ampla dos problemas e indagações enfrentadas.

OS TEMAS TRATADOS E OS RESULTADOS OBTIDOS

Durante o período de isolamento físico, a abrangência da atuação dos docentes que responderam o questionário foi, de certa maneira, afetada em todas as áreas exceto no que tange a atividades de pesquisa, que não sofreu qualquer modificação no total de envolvidos (45 professores mantiveram-se exercendo atividades de pesquisa antes e durante o período), embora tenha havido alguma rotatividade nesse campo: alguns docentes deixaram a atividade, enquanto outros passaram a atuar nela. Houve, porém, redução maior no número de docentes atuando no ensino (53 exerciam atividades de ensino antes do isolamento, número que passou para 39 durante os primeiros meses da pandemia no Brasil) e, embora de maneira menos acentuada, nas atividades de extensão (37 antes e 31 durante) e de gestão (28 antes e 24 durante). Atuavam em todas as quatro áreas antes da pandemia 21 docentes (38,2% dos docentes que responderam ao questionário), contudo, este número foi reduzido para oito docentes durante a pandemia (14,5% dos docentes respondentes continuaram

atuando nas quatro áreas). Dos treze docentes que deixaram de atuar nas quatro áreas, cinco passaram a atuar apenas em três áreas, outros cinco em duas áreas e três docentes limitaram suas atividades a somente uma área de atuação.

Dos 55 docentes que responderam à pesquisa, 51 deles (92,7%) consideraram estar exercendo sua atuação profissional docente de música durante o período de quarentena. Declararam que haviam passado atividades para seus alunos antes do início do isolamento, 21 docentes (41,2% dos participantes que estavam exercendo sua atuação profissional) ao passo que 38 docentes (74,5% dos participantes que estavam exercendo sua atuação profissional) declararam ter passado atividades para seus alunos durante o período de isolamento. Houve um acréscimo, portanto, do engajamento de docentes no quesito “passar atividades” com o início da quarentena, o que era esperado, visto que foi considerado como “passar atividades antes da quarentena” o período compreendido entre 9 e 13 de março de 2020, ou seja, apenas uma semana letiva.

Quanto ao seu cotidiano doméstico, 29 docentes (52,7%) declararam que realizam exercícios físicos com regularidade (por exemplo: correr, ginástica, yoga), enquanto outros 26 deles (47,3%) admitiram não os realizar. Declararam realizar tarefas domésticas com regularidade (por exemplo: varrer, lavar a louça, cozinhar), 54 docentes (98,2%), ao passo que apenas um docente (1,8%) admitiu não as realizar. Cabe destacar ainda que quatorze docentes (25,5%) declararam morar sozinhos; sete (12,7%) compartilham sua moradia com mais uma pessoa; 22 (40,0%) o fazem com mais duas pessoas; outros sete (12,7%) compartilham sua moradia com mais três pessoas; quatro (7,3%) com outras quatro pessoas e um (1,8%) com outras seis pessoas. Configura-se, portanto, três grupos de docentes: aproximadamente 1/4 deles mora sozinho, aproximadamente metade deles divide a casa apenas com uma ou duas pessoas e aproximadamente 1/4 deles divide a casa com três ou mais pessoas.

Quanto às suas condições laborais, 37 docentes (67,3%) declararam possuir um espaço para trabalho que possa ser ocupado individualmente em qualquer dia ou horário que for preciso; quatorze deles (25,5%) declararam possuir tal espaço, porém com restrição de dia e/ou

horário; enquanto quatro deles (7,3%) admitiram não possuir tal condição. Quanto à qualidade da internet, dois docentes (3,6%) consideram-na péssima; nove (16,4%) consideram-na ruim; enquanto dezenove (34,5%) consideram-na regular. Por outro lado, 22 docentes (40,0%) consideram sua internet boa e três (5,5%) ótima.

Quanto aos equipamentos que possuem para a realização de videoconferências (caixa de som, microfone, câmera), quinze docentes (27,8%) consideram que todos os seus equipamentos são adequados, enquanto dezesseis (29,6%) consideram somente uma minoria destes equipamentos como inadequados. Por outro lado, quatorze docentes (25,9%) consideram que somente uma minoria de seus equipamentos são adequados e sete docentes (13,0%) consideram que todos os seus equipamentos são inadequados. Cabe ressaltar que dois docentes (3,7%) admitiram não possuir tais equipamentos. Apesar de 57,4% das respostas a esta pergunta terem sido positivas, isto é, todos os equipamentos ou a sua maioria são adequados; o quantitativo de respostas negativas (todos os equipamentos ou sua maioria são inadequados, ou ainda, o docente sequer possui tais equipamentos) alcança 42,6% (23 respostas).

Quanto às dificuldades que o isolamento físico provocou no cotidiano dos professores, observa-se que, dos 51 respondentes que relataram estar exercendo atuação profissional docente de música durante a quarentena, a ansiedade é apontada como o principal entre os fatores dificultadores desta atividade, aparecendo em 43,1% das respostas. Seguem questões de espaço físico e desmotivação, ambas atingindo 27,5% destes docentes, além da falta de instrumento musical ou material adequado em casa (17,6%) e das questões de saúde do docente ou de seus familiares (15,7%).

Um docente (Docente_01) alegou como causas para não estar atuando profissionalmente a desmotivação, a ansiedade e questões de saúde. Um outro docente (Docente_02) alegou a desmotivação e a ansiedade. Outros dois professores (Docente_03 e Docente_04) não assinalaram nenhum dos motivos listados no questionário, contudo deixaram os seguintes comentários em perguntas abertas no final do questionário:

[Docente_03, questão “Em alguma(s) pergunta(s), você NÃO encontrou uma opção de resposta

adequada? Caso afirmativo, descreva-a(s) brevemente, bem como a(s) opção(ões) de resposta que você sentiu falta.”:] “Não exerci minhas atividades docentes (de ensino) não por problemas pessoais, mas sim por não considerar justo obrigar os alunos a participar numa situação de crise sanitária e com toda a desigualdade de condições existente”.

[Docente_04, questão “Você gostaria de tecer algum(ns) comentário(s) sobre a temática abordada neste questionário?”:] “Importante verificar que os alunos E PROFESSORES não têm condições para aulas do modelo presencial feitas por videoconferência. Se a UNIRIO optar por isso, deverá oferecer a [docentes e discentes] equipamentos, internet e horários flexíveis para tal.

Levando em conta especificamente o período de março a julho de 2020, três questões fornecem, embora de maneira parcial, dados sobre o cotidiano do estudo de música por docentes. Quanto à primeira (“Quantas horas por dia, em média, você estima ter praticado seu(s) instrumento(s) musical(is)?”), dos 55 docentes que responderam à pesquisa, quinze deles (27,3%) não praticaram seu instrumento musical e trinta (54,5%) mantiveram-se estudando uma média inferior a duas horas por dia, ao passo que apenas dez docentes (18,2%) se mantiveram em um patamar acima de duas horas. Além das questões de saúde, ansiedade e desmotivação na atuação profissional, também interferiram na prática do instrumento as diferentes rotinas a que se submeteram os docentes.

Por exemplo, docentes cujos filhos deixaram de frequentar a escola e/ou que tiveram suas redes de apoio (familiares pertencentes a grupos de risco e profissionais de serviços domésticos) reduzida; docentes que optaram por um isolamento mais rigoroso, que implicou em mudança temporária de moradia, para um lugar afastado dos grandes centros, com menor risco de contágio (conforme relatos obtidos nas questões “Em alguma(s) pergunta(s), você NÃO encontrou uma opção de resposta adequada? Caso afirmativo, descreva-a(s) brevemente, bem como a(s) opção(ões) de resposta que você sentiu falta” e “Você gostaria de tecer algum(ns) comentário(s) sobre a temática abordada neste questionário?”, de resposta aberta).

Se, de um lado, trinta docentes declararam praticar seu instrumento musical por menos de duas horas (ou seja, mais da metade dos 55

docentes que responderam ao questionário), por outro, praticamente a mesma quantidade (32 docentes, ou 58,2%, entre os respondentes) afirmou fazer uso da internet por um período de quatro a oito horas diárias, com a interseção entre esses dois conjuntos composta por 21 docentes. Interessante notar que o número de respondentes que afirmou não ter se dedicado ao estudo do instrumento nos quatro meses de pandemia contemplados na pesquisa é semelhante aos que passaram a utilizar a internet por oito a doze horas: treze docentes (23,6%) assim o declararam, um número próximo aos quinze docentes não praticantes do instrumento.

Todavia, há apenas três docentes na interseção destes dois conjuntos de docentes. Em menor escala, sete docentes disseram usar a internet por menos de quatro horas por dia, e três disseram usá-la por pelo menos doze horas. Ainda considerando a média diária de uso da internet, mediu-se quanto tempo o docente estima ter se ocupado com temas relacionados à música, como a leitura de artigos científicos, assistir recitais, tutoriais e materiais didáticos. Analisando as respostas, percebe-se que há uma distribuição mais equilibrada que nas duas perguntas anteriores, ainda que permaneça assimétrica à direita, sendo o atributo modal o período de duas a quatro horas diárias, relatada por dezesseis docentes (29,1%), assim como há quatorze docentes (25,5%) que utilizam a internet para estes fins por menos de duas horas, sendo essa a mesma frequência dos docentes que utilizam a internet para este fim “entre quatro e seis horas”.

Quanto à questão “Como você considera que deva partir da instituição a formalização de diretivas/orientações para a comunidade discente/docente durante a pandemia?”, foram disponibilizadas cinco opções de resposta. Para 41,8% dos respondentes, a instituição deveria deixar que docentes e discentes espontaneamente se organizassem ou não durante o período de isolamento imposto pela pandemia (conforme as opções A², B³ e C⁴). Em contrapartida, 58,2% dos respondentes optaram por alternativas nas quais caberia à instituição uma atuação incisiva no sentido de oficializar diretrizes norteadoras para o período (conforme as opções D⁵ e E⁶).

Um número ainda maior de docentes (74,5%) assinalou a necessidade de que as atividades realizadas viessem a ser computadas no âmbito da carga horária das disciplinas exigidas nos cursos (conforme as opções C, D e E). Por fim, um aspecto que veio a ser tema de acalorada polêmica em discussões posteriores se evidenciou na opção de resposta na qual se coloca a necessidade de a instituição fornecer suporte para o incremento da comunicação entre docentes e discentes. Tal foi a alternativa escolhida por 36,4% dos respondentes (conforme opção E).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA MÚSICA EM TEMPOS DE ERE

A pandemia do novo Coronavírus, conforme assinalado pelos respondentes, trouxe novos desafios, para além daqueles já enfrentados diariamente na atuação em uma universidade pública brasileira. Por exemplo, questões de ordem administrativa e conceituais dificultaram a implementação do ERE, colocando docentes e discentes “em tempo suspensivo”, cabendo aos professores buscar soluções que, de alguma maneira, proporcionassem a continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, que haviam sido suspensas no modo presencial, com ênfase em iniciativas para manter algum tipo de vínculo pedagógico com os estudantes (CUERVO & SANTIAGO, 2020, p.360). Entre os docentes, três dificuldades foram observadas durante a fase de suspensão do calendário e, posteriormente, de implantação do ERE.

Primeiramente, a “falta de domínio de ferramentas e novos recursos demandados na produção de OVAs [(Objetos Virtuais de Aprendizagem)] e de sua implementação nos AVAs [(Ambientes Virtuais de Aprendizagem)] de modo emergencial” (RODRIGUES & CUERVO, 2021, p.3). Fato que demandaria a elaboração de políticas efetivas, por parte da gestão superior da Universidade, com vistas não somente a aquisição de recursos materiais e tecnológicos (aparelhagem para videoconferência, por exemplo), mas também a capacitação da comunidade acadêmica de maneira a proporcionar uma plena utilização de tais ferramentas. No caso dos dados obtidos pela pesquisa aqui relatada, constatou-se a demanda dos docentes por equipamento e formação adequada para o ensino remoto assim como

também a própria formalização das atividades pedagógicas por parte das instâncias superiores, concedendo relativa autonomia aos docentes na adaptação dos componentes curriculares.

Observando detalhadamente os dados expostos em relação ao posicionamento dos docentes no que diz respeito ao papel institucional diante da situação inédita imposta pela pandemia de Covid-19, percebe-se a complexidade da questão e o quão desafiador se constitui o problema apresentado para os gestores da universidade. Um exemplo é o fato de que 40% dos docentes desejavam que a organização de professores e estudantes ocorresse de maneira espontânea e, ao mesmo tempo, quase o dobro dos respondentes almejava a contabilização de tais atividades em carga horária. Mais do que uma situação pontual em termos da realidade de uma pandemia, tal dado remete, por exemplo, a pertinência de uma discussão sobre o currículo na universidade.

Uma segunda dificuldade advém do processo de “reorganização de objetivos das disciplinas” que, em certos casos, esbarrou na “impossibilidade de adaptação de conteúdos” específicos do fazer musical (RODRIGUES & CUERVO, 2021, p.3). Tal problemática implica considerarmos que, em sua grande maioria, os docentes obtiveram sua formação e desenvolvem sua prática musical modelada em encontros síncronos presenciais. Ou seja, o ERE colocou à prova a capacidade de o professor atuar simultaneamente como conteudista, pesquisador, produtor e tutor “de si e consigo mesmo”, muitas vezes, sem o suporte de uma plataforma de aprendizagem adequada às especificidades intrínsecas de disciplinas como, por exemplo, música de câmara (CUERVO & SANTIAGO, 2020, p.367-368). No caso dos dados obtidos pela pesquisa aqui relatada, se evidencia o contraste entre uma maneira mais tradicional de ensino universitário, que se estrutura na perspectiva de conteúdos mais generalistas formatados para todos no âmbito dos cursos, em contraposição à formação acadêmica voltada para projetos propostos e direcionados de maneira mais personalizada, como já se tem notícia em algumas instituições nesse nível de ensino.

Cabe ressaltar que por volta 60% dos respondentes expressaram a necessidade de uma incisiva participação dos gestores para a manutenção da

mobilização dos docentes e discentes durante a pandemia. Quase 40% deles enfatizaram a necessidade de mais suporte advindo da instituição, além da necessidade de dar garantias de compensação para os que não conseguirem se manter ativos durante as iniciativas apresentadas. De toda a maneira, o caráter “não obrigatório” foi expresso no entendimento de que a imposição de uma nova modalidade viesse a ferir direitos adquiridos, sendo tal dado inquestionável por parte dos respondentes.

A terceira dificuldade observada abarca as “incertezas” em relação não somente às condições materiais, mas principalmente a “saúde mental” dos estudantes (RODRIGUES & CUERVO, 2021, p.3). Conforme os dados obtidos em nossa pesquisa, do ponto de vista dos docentes, é possível afirmar que o fator “ansiedade” dificulta em maior proporção a continuidade do trabalho no cotidiano do isolamento físico, seguido de questões materiais. Observando-se que, além do período estar caracterizado como de risco de contágio por um vírus causador de uma doença grave, a constatação da instabilidade econômica, das dificuldades sociais decorrentes são também potenciais mobilizadores de apreensão emocional.

Apesar de a pesquisa focalizar questões materiais de espaço, equipamentos para comunicação à distância e instrumentos musicais, as dificuldades expressas pelos docentes remetem a questões crônicas de sua categoria associadas ao desinvestimento crescente em relação à universidade pública. Por outro lado, a maior parte destes tende a se manter ativa, buscando adaptar-se e atender as demandas da instituição, cientes da necessidade de se manter atuantes nas áreas de pesquisa, de extensão e de gestão, além do ensino. Neste caso, os dados obtidos revelam que uma parcela significativa dos docentes participantes da pesquisa vislumbrava a espontaneidade como elemento condutor do seu trabalho e, ao mesmo tempo, que tais iniciativas fossem computadas na carga horária oficial.

NOTAS

01. CAAE: 32986820.9.0000.5285.

02. Deixar que os docentes e discentes

espontaneamente se organizem ou não durante o período de isolamento imposto pela pandemia, sem se pronunciar ou tentar influenciar, em função de tratar-se de um momento de exceção e o problema de acesso à internet ainda se configurar como empecilho, sendo qualquer atividade de caráter não-obrigatório.

03. Deixar que os docentes e discentes espontaneamente se organizem ou não durante o período de isolamento imposto pela pandemia, sugerindo e incentivando que mantenham algum tipo de atividade pedagógica, apesar de todas as dificuldades, embora destacando o caráter não-obrigatório.

04. Deixar que os docentes e discentes espontaneamente se organizem ou não durante o período de isolamento imposto pela pandemia, sugerindo e incentivando que mantenham algum tipo de atividade pedagógica, apontando possibilidades de registro na carga horária de disciplinas, embora destacando o caráter não-obrigatório e a garantia de compensação para aqueles que não conseguirem.

05. Apontar a necessidade de que os docentes e discentes se organizem de alguma maneira durante o período de isolamento imposto pela pandemia, sugerindo e incentivando que mantenham algum tipo de atividade pedagógica, apontando possibilidades de registro na carga horária de disciplinas, destacando o caráter não-obrigatório, porém desejável, de realização de alguma atividade, ressalvado caso de comprovada e justificada impossibilidade devido insuficiência de recursos físicos e materiais, destacando a garantia de compensação para aqueles que não conseguirem.

06. Formalizar recomendações e orientações para que docentes e discentes mantenham suas atividades pedagógicas durante a pandemia, fornecendo suporte e sugerindo ferramentas para o incremento da comunicação entre docentes e discentes, destacando o caráter não-obrigatório, porém desejável, e explicitando a contabilidade de carga horária para disciplinas, apesar do período de isolamento imposto pela pandemia, ressalvado caso de comprovada e justificada impossibilidade devido insuficiência de recursos físicos e materiais, destacando a garantia de compensação para aqueles que não conseguirem.

REFERÊNCIAS

CUERVO, Luciane; SANTIAGO, Pedro R. Bucker. **Percepções do impacto da pandemia no meio acadêmico da música:** um ensaio aberto sobre temporalidades e musicalidades. Revista Música, v.20 n.2 - Dossiê Música em Quarentena Universidade de São Paulo, dezembro de 2020. p.357- 378. ISSN 22387625. DOI 10.11606/rm.v20i2.180068

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21 Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80p.

RODRIGUES, André de Cillo; CUERVO, Luciane. **Desafios da docência no Ensino Remoto Emergencial de Música:** reflexões e práticas na cultura digital. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CUBA PEDAGOGIA, online, 2021. Anais [...]. CUBA: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: <https://trabajos.pedagogiacuba.com/trabajos/49Desafios%20da%20Doc%20C3%A4ncia%20no%20Ensino%20Remoto%20Emergencial%20de%20M%C3%BAsica.pdf>.

SOBRE OS AUTORES

Clayton Vetromilla - Professor no Instituto Villa-Lobos da UNIRIO (RJ, 2004). Doutor em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Unirio (2011), possui mestrado em Música pela UFRJ (2002) e bacharelado em Violão pela UFMG (1994). Possui interesse e atua em projetos com foco na obra de César Guerra-Peixe e na música brasileira para violão dos anos 1970. Desenvolve trabalhos camerísticos com o tenor Ricardo Tuttmann, o flautista Sérgio Barrenechea e no grupo Belle Époque. E-mail: clayton.d.vetromilla@unirio.br

Felipe Ribeiro - Professor Adjunto do Departamento de Métodos Estatísticos da UNIRIO, na qual ingressou em 2014. Graduiu-se em Estatística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2006, tornou-se mestre em Ciências Estatísticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2008 e doutor em Ciências Estatísticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2013, estas últimas com ênfase em Probabilidade. Possui interesse e

atua em projetos com foco em análise exploratória quantitativa, Probabilidade e Ensino de Estatística. E-mail: felipe.ribeiro@uniriotec.br

Marina Spoladore - Pianista paranaense, doutoranda em Estudos em Performance na Universidade de Aveiro/Portugal e professora assistente de piano e música de câmara na UNIRIO. Além de docente e pianista solista, integra os grupos camerísticos Trio Paineiras, que lançou em 2017 o álbum "Trio Paineiras Interpreta Compositores de Hoje", e o Abstrai Ensemble, ambos dedicados à divulgação da música brasileira de concerto. E-mail: marina.rezende@unirio.br